Ensaio sobre o trabalho na transição agroecológica: perspectivas a partir do Sítio Butiá.

Autora: Gessica Steffens[1]; Autor: Giomar Luis Nhevinski[2]; Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM; gessicasteffens@gmail.com

Este ensaio apresenta brevemente quatro pontos considerados importantes para pensar o trabalho na transição agroecológica a partir das ferramentas metodológicas da pesquisa-ação utilizadas no Sítio Butiá em Severiano de Almeida/RS: 1) o trabalho na unidade produtiva (UP); 2) a escala da produção; 3) pluriatividade contemporânea; 4) habitat rural. São oito anos de trabalho (2,5 em tempo integral), sob planejamento de 15 anos para transição total da área (8 hectares) e três eixos guiadores: produção, formação e infraestrutura. Sobre o trabalho na UP, nós agricultoras/es moramos no nosso trabalho literalmente, desde que acordamos até dormir, com cônjuge, família e todo o trabalho reprodutivo historicamente invizibilizado, contabilizados os passos em um dia "normal" dos afazeres domésticos, foram 10.050 passos (7,3 km das 7h às 19h, descontando 2h ao meio-dia). É complexo gerenciar todas essas relações considerando que temos tendência a valorizar mais o que/quem está longe do quem/ o que está ao nosso lado (teoria do nível de interpretação). Sobre a escala de produção, analisou-se no Sítio 6 anos de comercialização de 2 hectares de laranja certificada (Rede Ecovida) e em nenhum ano foi possivel comercializar mais do que 50% como fruta orgânica ou venda institucional. Pontuamos a necessidade de uma "agroindustrialização de base agroecológica com envolvimento urbano", com processando alimentos agroecológicos com linhas especificas de financiamento para pessoas urbanas; regulamentação do trabalho sazonal (120 dias por UP); e organização dos PPOs (Plano de Processamento Orgânico) nas cooperativas. A pluriatividade, sempre existiu como estratégia para manutenção das UPs, o que acontece atualmente é que com maior acesso ao ensino superior, muitas/os filhas/os de agricultoras/es não podem exercer assessoria técnica sem perder o enquadramento legal da categoria. Propomos que na inscrição estadual do talão de produtor também possam ser emitidas notas fiscais de serviço. Por fim o habitat rural (debate muito maior do que moradia rural, é o necessário para a UP existir e funcionar), que urge ser tratado como política de Estado e não apenas de alguns governos. A fala de que "no campo não tem ninguém" cai por terra quando analisamos a demanda recente do MCMV Rural Entidades, foram 942.439 unidades (casa nova e reforma) no grupo G1 (renda até R$ 40.000,00 no talão de produtor/a) e serão escolhidas 30 mil UHs. Considerando demandas não organizadas em entidades, a demanda ultrapassa 1 milhão de moradias rurais no Brasil. Isso sem considerar pessoas nos grupos G2 e G3, com interesse em retorno ou neorurais (não temos esses dados), é muita gente querendo estar no campo, só precisa ajustar melhor as condições. Conclui-se que a transição agroecológica é caminho sério para enfrentar a crise climática, e terá maior amplitude se considerar esses 4 pontos como centrais no debate e planejamento das ações.

Palavras-chave: Agroecologia, assessoria técnica, habitat rural